

Comunicação para sustentabilidade na universidade: o entendimento da comunidade USP sobre sustentabilidade. A pesquisa qualitativa¹

Margarida Maria Krohling Kunsch²
Iara Maria da Silva Moya³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Qual é seu ponto de vista sobre sustentabilidade; o que é sustentabilidade? Esta foi a pergunta central da pesquisa empírica qualitativa do projeto *Comunicação para sustentabilidade: o entendimento da comunidade USP sobre sustentabilidade*, que teve como objetivo principal conhecer o que a comunidade uspiana - docentes, funcionários e estudantes- pensa sobre sustentabilidade e propor ações e melhorias na Universidade em relação a questões sustentáveis. O artigo discute e apresenta os resultados da pesquisa.

Palavras-chave: comunicação; sustentabilidade; Universidade de São Paulo;

Introdução

A comunicação mostra-se imprescindível para a promoção da sustentabilidade no mundo atual. A adoção da sustentabilidade requer um novo modo de vida, com a mudança nos valores e hábitos de populações inteiras, tarefa que só a comunicação pode chamar a si, por meio do debate, da reflexão e da proposição de uma nova visão de mundo.

A sustentabilidade é um tema central nos estudos de comunicação desenvolvidos pelo Centro de Estudos da Comunicação Organizacional e Relações Públicas – CECORP, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Em 2013, o projeto *Comunicação para sustentabilidade: o entendimento da comunidade USP*

¹ Trabalho apresentado no GP RP e Comunicação Organizacional do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora titular da ECA-USP. Doutora em Ciências da Comunicação e livre-docente em Teoria da Comunicação Institucional: Políticas e Processos, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coordenadora do Centro de Estudos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Cecorp) da ECA-USP. mkkunsch@usp.br

³ Pesquisadora Centro de Estudos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas do (Cecorp) da ECA-USP. Doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA-USP. iaiamoya@usp.br

sobre sustentabilidade,⁴ foi apresentado e aprovado pela Superintendência da Gestão Ambiental – SGA, com o objetivo principal de conhecer o que a comunidade uspiana - docentes, funcionários e estudantes - pensa sobre sustentabilidade, e propor ações e melhorias na Universidade em relação a questões sustentáveis.

O estudo se justifica por ser uma iniciativa pioneira para conhecer o entendimento da comunidade USP sobre sustentabilidade, sendo que seus resultados podem contribuir para orientar a comunicação junto aos diferentes públicos sobre questões de sustentabilidade, apontar futuras ações de educação socioambiental, sugerir maneiras de participação de estudantes, funcionários e professores na construção da sustentabilidade da Universidade de São Paulo.

Este artigo apresenta os principais resultados da pesquisa empírica qualitativa realizada, em 2014, junto aos segmentos mencionados e está estruturado em quatro partes: na primeira é apresentado de forma resumida o projeto de pesquisa e o detalhamento da metodologia; a segunda traz alguns pressupostos teóricos que nortearam o estudo; a terceira apresenta os resultados da pesquisa e por fim é feita a exposição das conclusões.

O projeto e a pesquisa qualitativa

O projeto *Comunicação para sustentabilidade: o entendimento da comunidade USP sobre sustentabilidade*, foi apresentado e aprovado pela Superintendência da Gestão Ambiental SGA, em 2013, e teve como principal objetivo conhecer o que a comunidade uspiana pensa sobre sustentabilidade. Para sua realização, o projeto envolveu pesquisadores, bolsistas de Iniciação Científica, doutorandos, mestrandos e colaboradores.

Inicialmente foi realizada ampla pesquisa bibliográfica sobre o tema geral e específico do presente estudo, compreendendo livros, levantamento e registro de teses e dissertações produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil e artigos de periódicos científicos. Também foi feito um levantamento de grupos e centros de pesquisa da USP voltados à sustentabilidade, e de institutos e fundações brasileiras criadas para desenvolverem iniciativas com foco na sustentabilidade.

⁴ Esta pesquisa contou com a participação dos bolsistas, Ângela de Aguiar Destri e Henrique Santos Peres Andrade, de Iniciação Científica-PIBIC-CNPq- ECA-USP

A pesquisa de campo foi estruturada em duas etapas por meio de pesquisa empírica qualitativa(2014) e quantitativa (2016). A aplicação dos dois tipos de pesquisa no estudo tem função de complementação e contribui para o aumento da compreensão do tema em estudo, pois “elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade”. (Minayo & Sanches,1993, p.240).

Este artigo trata, especificamente, da pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que teve como objetivo aprofundar a discussão da questão, buscando levantar os diversos entendimentos de sustentabilidade dos entrevistados. Além disso, buscou-se utilizar a situação para o pré-teste do questionário quantitativo, de maneira controlada, visando avaliar sua formatação e a compreensão do conteúdo, para seu uso posterior quando da realização da pesquisa quantitativa.

A pesquisa, realizada em situação de evento, em um único dia, aconteceu em novembro de 2014, nas dependências do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo - CRP, na ECA-USP, no período das 10 horas da manhã até às 20 horas. A participação foi espontânea, a partir da chamada divulgada, com suporte da Assistência de Comunicação da ECA, nos diversos sites de eventos da universidade, por meio da utilização de cartazes e de panfletagem nas filas dos restaurantes próximos. A participação dos entrevistados poderia ter sido muito maior caso não houvesse ocorrido uma longa greve antes do período de aplicação da pesquisa. Ainda assim, os resultados obtidos na pesquisa mostraram-se suficientes e satisfatórios.

No total foram compostos cinco grupos de discussão - *focus groups*- formados por 6 até 13 participantes, com a presença de estudantes, funcionários e docentes do Campus Butantã. O controle da participação foi feito por meio de lista de registro de presença. O trabalho com os grupos foi estruturado em dois momentos. Primeiro, foi feita a aplicação de questionário eletrônico, por meio da metodologia chamada de votação interativa, onde os participantes “votaram” na alternativa da pergunta, com a projeção da pergunta em *datashow*, o que permitiu que todos respondessem à mesma pergunta simultaneamente, mas com total sigilo dos respondentes. Esta atividade possibilitou o pré-teste do questionário quantitativo, e a antecipação de conteúdos que fomentassem o debate. Em seguida foi realizada a parte qualitativa propriamente dita, com os participantes debatendo e respondendo verbalmente à pergunta: “Qual é seu

ponto de vista sobre sustentabilidade; o que é sustentabilidade? Os resultados a seguir abordam os conteúdos produzidos nos grupos.

Pressupostos teóricos

Nas últimas décadas, as conferências das Organizações das Nações Unidas, ONU, e, em especial, a Rio+20 em 2012 no Rio de Janeiro, têm mobilizado as atenções do mundo para o tema da sustentabilidade, identificada nesse contexto com a expressão “desenvolvimento sustentável”, apresentado como conceito resultante da integração das dimensões econômica, social e ambiental, e definido como “aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de gerações futuras satisfazerem as suas” (BRUNDTLAND, 1991), conceituação que ficou eternizada a partir do Relatório Brundtland, em 1987. Nesse período, diversos autores se debruçaram sobre o tema da sustentabilidade, produzindo diferentes conceituações, cada uma com uma perspectiva própria sobre o assunto.

Entre os autores que dão base a este estudo podemos citar, por exemplo, Fritjof Capra (1997), para quem a sustentabilidade requer um padrão de organização que considera interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade; Eduardo Viola (1996), que defende a sustentabilidade como qualidade de vida e não apenas consumo material; Arne Naess (1997), fundador da Ecologia Profunda, que defende o valor da vida não-humana ao defender que todos os seres vivos são membros de “Oikos-Lar”, isto é, do planeta Terra.

Para Leonardo Boff (2012), a sustentabilidade implica uma nova visão cosmológica, englobando o universo, a Terra e todas as manifestações de vida. Ela requer não só a manutenção do capital natural como também sua regeneração, reprodução e coevolução. Conforme o autor:

sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (Boff, 2012, p. 107).

Segundo John Elkington (2001), a sustentabilidade demanda prosperidade econômica, qualidade ambiental e justiça social, os chamados pilares da

sustentabilidade. O pilar econômico refere-se aos resultados financeiros centrados no capital, em uma perspectiva apenas econômica. O pilar ambiental considera a ecoeficiência, a oferta de bens e serviços voltados às necessidades humanas com preços adequados visando a qualidade de vida e a redução dos impactos ecológicos. O pilar social trata do bem-estar das pessoas, representando o real significado de desenvolvimento social, envolvendo aspectos éticos, culturais e de qualidade de vida. Para a Unesco (2011), um quarto pilar, a dimensão humana, deve ser aí agregado: “o desenvolvimento sustentável genuíno demanda mais que investimento verde ou tecnologias de baixo consumo de carbono. Além das dimensões econômica e ecológica, as dimensões social e humana são fatores centrais para o sucesso”. (UNESCO, 2011, p.4).

Para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente -PNUMA (2011) a sustentabilidade é um objetivo vital a longo prazo. No dizer de Veiga (2011), a sustentabilidade é o quarto ideal, a ser somado aos já conhecidos valores da modernidade: liberdade, igualdade e fraternidade.

Conforme o relatório do Painel de Alto Nível do Secretário Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global (2012, p. 18), a sustentabilidade, para além do equilíbrio dos pilares do desenvolvimento sustentável, deve “erradicar a pobreza, reduzir a desigualdade e fazer que o crescimento seja inclusivo e a produção e o consumo sejam mais sustentáveis, ao combater a mudança climática e respeitar diversos outros limites planetários”. Para tanto, é imprescindível que haja cooperação internacional pois, segundo Lester Thurow (1993, p. 264): aquecimento global, excesso de dióxido de carbono no meio ambiente, o buraco de ozônio na Antártida e demasiado fluorcarbono na atmosfera não são problemas controláveis ou remediáveis por um único país. Soluções coletivas terão que ser estudadas”. Como diz a Unesco (2011), o diálogo e a tolerância serão fatores-chave para a compreensão mútua e para a construção de pontes entre nações e países.

Neste mundo globalizado, a sociedade global segundo Octavio Ianni (1994), surge como um novo objeto e como um novo paradigma das ciências sociais. Nesse cenário as organizações assumem uma enorme importância, são as novas espécies na Terra, as instituições e as corporações globais. (Peter Senge et al, 2007). Mas, como diz Umberto Cordani (1995, p.5), uma sociedade sustentável apenas poderá existir se houver um acordo social, “baseado em princípios éticos, de solidariedade humana, intra

e intergerações, incluindo-se aqui o planejamento cuidadoso para o bem-estar da humanidade, em longo prazo, para os próximos séculos”.

Para Margarida Kunsch (2009) cabe às organizações um papel decisivo na incorporação e assimilação da sustentabilidade sendo a comunicação seu arcabouço. Os governos são chamados a assumir a liderança na preparação de políticas e estratégias que venham a promover a sustentabilidade. As empresas e as diversas organizações da sociedade civil têm a responsabilidade de promover o debate e o diálogo a partir de uma nova comunicação para contribuir na transformação em larga escala de valores e comportamentos humanos na busca de mudança cultural. A comunicação nos permite gerar significação, articular nossas diferenças e configurar nossa trama social presente e futura. (PÉREZ, 2012). A comunicação nos organiza. A sociedade tem na comunicação sua possibilidade de existência, manutenção e mudança. (BALDISSERA, 2009).

As universidades também devem cumprir sua parte. No Relatório para o Secretário Geral da ONU, “Uma agenda de ação para o desenvolvimento sustentável” (UNSDSN, 2013), ao analisar o tópico educação, os autores consideram que é esperado que as escolas ensinem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Conforme Moya (2016, p. 116), “no nível superior, é sugerida a criação de ambientes acadêmicos de alta qualidade onde a pesquisa e o ensino estejam juntos na busca de conhecimento para ‘enfrentar os desafios específicos de desenvolvimento da nossa sociedade’”. É nessa perspectiva que se coloca como necessário verificar junto às pessoas da comunidade usiana qual é seu entendimento da sustentabilidade.

Resultados: O entendimento sobre sustentabilidade

As discussões em grupo tiveram como questão central a pergunta: “Qual é seu ponto de vista sobre sustentabilidade; o que é sustentabilidade?”. Nessa perspectiva, os resultados ora apresentados abordam os conteúdos produzidos nos grupos.

O primeiro ponto no entendimento da sustentabilidade refere-se ao cuidado com o meio ambiente. Para os participantes é necessário o uso responsável do meio ambiente. Em suas palavras:

“É um valor que nasceu quando o homem percebeu que não soube se relacionar com a natureza de maneira equilibrada. É um valor que surge como uma forma de tentar reestruturar e não degradar mais”. (Grupo B. Part.5)

“Preservar a natureza, não só retirar e não repor, um dia acaba”. (Grupo E. Part.2)

“A relação das pessoas com tudo que está a sua volta. Utilizar os recursos de forma responsável”. (Grupo E. Part.9).

“É conseguir aliar o progresso tecnológico e industrial sem agredir o meio ambiente”. (Grupo E. Part.6).

Essa abordagem se explicita na preocupação com as futuras gerações, reproduzindo o conceito formal de desenvolvimento sustentável, conforme a definição do Relatório Brundtland, “Nosso Futuro Comum”, segundo o qual o desenvolvimento sustentável é “aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de gerações futuras satisfazerem as suas.” (BRUNDTLAND, 1991). Na fala dos participantes:

“Respeitar e reconhecer o meio ambiente como uma coisa que não é infinita e trabalhar para que não acabe tão rápido. É pensar nas gerações futuras, respeitar a fauna e a flora e a nossa relação com o meio ambiente para que nós e outras pessoas possamos usufruir de maneira consciente, pensando no coletivo”. (Grupo A. Part.5).

“Sustentabilidade é você estar interagindo com o meio ambiente e preocupada com tudo que você faz a sua volta, sabendo que aquele pedaço de terra, o alimento (comendo melhor, produzindo melhor), não vai ficar somente na nossa geração, mas também para os próximos que virão”. (Grupo E. Part.1).

“É o futuro dos nossos netos e bisnetos. Que a tecnologia avance sem agredir o meio ambiente”. (Grupo D. Part.5).

“Ter consciência que você não está dividindo o mundo e a riqueza com as pessoas que você vive no momento, mas também com as gerações futuras”. (Grupo E. Part.7).

“Progresso sem prejudicar o meio ambiente e a sociedade em geral. E que possa se perpetuar de maneira boa para gerações futuras”. (Grupo E. Part.5).

Um ponto crítico apontado na identificação estreita entre sustentabilidade e ambiente é que essa visão pode resultar no efeito *greenwashing*, isto é, ser sustentável apenas na aparência, pois acaba desconsiderando outros aspectos vinculados às questões sociais, culturais e políticas, conforme as falas a seguir:

“Não pensar apenas no meio ambiente, embora seja um fator muito importante; muitas empresas utilizam no seu discurso a sustentabilidade. Meu lápis é de madeira reflorestada, mas como você trata seu funcionário?” (Grupo A. Part.4).

“Um balanço entre as questões sociais, culturais e políticas e que sejam ativas, disseminadas e alinhadas. Você pode ter um ambiente incrível e ter discriminação ou um governo que roube. Sustentabilidade não é só o verde”. (Grupo A. Part.2).

“As pessoas associam sustentabilidade com ecologia e essa visão é errada, como o foco é na ecologia e na mata atlântica, esquecem os aspectos financeiros e sociais da sustentabilidade, que são tão importantes quanto”. (Grupo C. Part.2).

Nesse sentido, a compreensão é de que a sustentabilidade vai além do ambiente e busca o equilíbrio entre a natureza e a sociedade. Pode-se dizer que os participantes adotam aqui conceituações de sustentabilidade próximas àquela de Elkington (2001), já consagrada, que estabelece os três pilares, econômico, social e ambiental. As falas a seguir mostram como se conjugam essas diferentes dimensões segundo os participantes:

“Equilíbrio entre a natureza, a sociedade e todas as relações de poder que envolvem a sociedade”. (Grupo A. Part.3).

“Não é só a questão do meio ambiente. O indivíduo, a sociedade onde ela está inserida, ser tudo harmonioso”. (Grupo D. Part.3).

“Vai além de ações para sustentar um ciclo sustentável e responsável da vida, mas também inclui ações sociais que envolvam iniciativas com pessoas e grupos comunitários”. (Grupo A. Part.1).

“É você ornar o sistema econômico-financeiro com o que o meio ambiente possibilita. Produzir sem agredir o meio ambiente”. (Grupo E. Part.3).

A essa relação entre ambiente e sociedade, são agregados os aspectos sociais, tais como educação e saúde:

“É a gente promover o meio que a gente vive, tentar melhorar em relação ao meio ambiente, ao meio social. Buscar melhorar o meio em que a gente vive no aspecto ambiental e social, educação, saúde”. (Grupo B. Part.2).

Segundo alguns participantes, a sustentabilidade engloba todos os aspectos levantados, e deve considerar um conjunto de ações, conforme as falas a seguir:

“Sustentabilidade são todos os pontos de vista que foram colocados aqui. Não tem o mais ou menos importante, todos são importantes, proteção dos animais, do meio ambiente. Eu li que no Brasil apenas 2% das áreas dos mares e oceanos são protegidas. É muito preocupante porque tem muita pesca predatória”. (Grupo C. Part.6).

“É o conjunto de ações que visa interação. No caso da USP, entre os alunos e os funcionários para melhorar a qualidade de vida. Não na forma, vou comprar um carro para chegar mais confortável no trabalho, mas visando uma forma de poupar o meio ambiente”. (Grupo D. Part.2).

Mas, a menção à dimensão planetária da sustentabilidade, na perspectiva de Boff (2012), que considera que a sustentabilidade :

deve cobrir todos os territórios da realidade que vão de pessoas, tomadas individualmente, às comunidades, à cultura, à política, à indústria, às cidades e principalmente ao planeta Terra com seus ecossistemas. Sustentabilidade é um modo de ser e de viver que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades das presentes e das futuras gerações. (BOFF, 2012, p.16).

pouco aparece na discussão, ficando restrita a apenas um dos grupos. Para esses poucos participantes a sustentabilidade requer o respeito pelo planeta, é preciso ter consciência de pertencimento à humanidade e ao planeta Terra. As falas a seguir ilustram essa reflexão:

“É uma filosofia, a base dessa conversa é respeito pelo outro, pelo planeta que a gente vive, pela convivência. É mais simples do que parece, a gente que complica”. (Grupo B. Part.1).

“É a consciência do homem como ser humano que pertence ao globo terrestre e que não está isolado dos outros sistemas: animal, vegetal, mineral, água. O homem se isolou como um ser superior e esqueceu que depende de tudo para sua subsistência. A sustentabilidade começa na consciência de que nós pertencemos a um ciclo comum da humanidade e a um planeta”. (Grupo B. Part.3).

A relação entre sustentabilidade e consumo aparece pontualmente em alguns grupos. Para esses participantes a sustentabilidade requer o consumo moderado, ponto defendido já em 2.000, na Declaração do Milênio das Organizações das Nações Unidas, ONU, no Tópico 1, Valores e Princípios, conforme o artigo 6: “É preciso alterar os atuais padrões insustentáveis de produção e consumo, no interesse do nosso bem-estar

futuro e no das futuras gerações”. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2001, p.3). Conforme as falas dos participantes:

“Precisamos sair do piloto automático. A crise da água não é uma lenda, já chegou nas casas, está acontecendo. Toda ação vai desencadear uma reação, seja em relação ao ser humano ou como estamos agindo em relação ao consumo”. (Grupo B. Part.4).

“Um aspecto que não foi citado e está relacionado à sustentabilidade é a alimentação. Sou vegana, não consumo carne porque a produção de carne precisa de muita água, é minha contribuição. Estou tentando reduzir meu consumo de roupas”. (Grupo C. Part.5)

(Sustentabilidade é ...) “Harmonia, um estilo de vida, viver sem exageros, consumo moderado”. (Grupo E. Part.8)

E dois participantes mostram o pouco envolvimento com o tema da sustentabilidade, próximos à esfera extras sistema de Baldissera (2009) quando a noção de sustentabilidade inexistente para alguns sujeitos, sendo destituída de sentido:

“Nunca pensei muito a respeito”. (Grupo D. Part.4).

“Não tenho muito conhecimento de sustentabilidade, acho que é separar o lixo, não jogar na rua, plantar árvore, economizar água, fico nesse quadradinho”. (Grupo C. Part.3).

Um outro recorte de discussão que se instala nos grupos é sobre quem responde pela sustentabilidade, se ela é uma proposição individual ou coletiva. Para alguns, a sustentabilidade se apoia na ação do indivíduo, conforme as falas dos participantes a seguir:

“Sustentabilidade está mais para o indivíduo do que para as organizações”. (Grupo C. Part.2)

“Cada um fazer a sua parte, começando dentro da sua própria casa, agindo nas deficiências que a gente encontrar no mundo exterior”. (Grupo C. Part.1)

Para outros, a sustentabilidade tem sua base no coletivo e implica no cuidado com o outro. A sustentabilidade nesse caso pode ser entendida como política pública, e até um direito coletivo de todos, conforme as falas a seguir:

“Ultrapassa as barreiras do verde, tem também um papel na sociedade, a base não é a unidade, é o grupo. Um conjunto de pessoas que vêem o mundo de outra forma e acreditam que pode mudar, é possível passar pela parte de conscientização e colocar em prática”. (Grupo B. Part.6).

“Cuidar do espaço público, dos outros, é sustentabilidade, para uma sociedade melhor abrange tudo. Qualquer ação que você faça pensando nos outros, sustentabilidade é a longo prazo”. (Grupo C. Part.4).

“O ar que a gente respira é consequência da existência ou ausência de uma política pública. Se a gente pensar a sustentabilidade como um direito coletivo de todos, direito a lazer, seguridade social, se lutarmos para essa coletividade ser melhorada, por exemplo em relação à saúde, a gente pode caminhar para uma consciência coletiva positiva, principalmente em se tratando da ecologia. Estamos vivendo um momento de racionamento de água, se houvesse mais preservação, as florestas transpiram e iriam encher os rios que nascem em lugares mais altos. A gente está pagando o pato por coisas que nem sabíamos”. (Grupo D. Part.1).

Mas, para fazer a sustentabilidade acontecer, é preciso que as pessoas sejam conscientes de sua importância, é preciso que a sustentabilidade seja parte da cultura, o que demanda um novo modo de vida, conforme as falas dos participantes:

“Sustentabilidade é necessária, mas acho que as pessoas precisam se conscientizar disso, enquanto não fizer parte da cultura, não vai atingir a todos, tem que ser uma coisa coletiva”. (Grupo C. Part.7).

“É uma forma de vida em que todos aproveitam o melhor que o planeta tem a dar contribuindo através da educação”. (Grupo D. Part.6).

“É um modo de vida, consumo consciente, evitando desperdício e agressão à natureza”. (Grupo E. Part.4).

A adoção desse novo modo de vida, conforme os participantes, vai requerer mudança na maneira de viver, mudança nas relações do ser humano, o que demandará uma nova atitude: a coragem para mudar para melhor:

“Desarmonia e agressão faz parte. A questão não é o que fazer e sim como se faz. Enquanto não mudar as relações do ser humano você não consegue projetar para o meio ambiente”. (Grupo E. Part.10).

“É coragem de mudar tudo para o melhor. Não sei se eu ou meu filho vamos ver, mas espero que lá na frente alguém veja essa mudança que está ocorrendo”. (Grupo D. Part.7).

Conclusões

Em síntese, pode-se dizer que os entendimentos sobre sustentabilidade se fundamentam em dois pontos que se mostraram mais presentes nas discussões.

Primeiro, a sustentabilidade se traduz no cuidado com o meio ambiente e com seu uso responsável, com o intuito de evitar seu esgotamento. Essa noção se complementa com a preocupação com a preservação do meio ambiente para as gerações futuras, para que estas possam ter os recursos para prover suas necessidades tais como a geração atual provê as suas. Conhecida como sustentabilidade intergeracional, essa visão é ponto central na conceituação formal acadêmica e técnica da sustentabilidade e mostra-se um dos entendimentos mais adotados entre os participantes.

Segundo, a sustentabilidade é entendida como mais que meio ambiente; ela envolve também os aspectos social e econômico. Ainda que esse tripé seja expresso pelos participantes em diversas combinações, elas remetem aos chamados três pilares da sustentabilidade, outra concepção central da sustentabilidade.

Por outro lado, os participantes quase que desconsideram a dimensão planetária e, portanto, fazem proporcionalmente pouca menção à questão global da sustentabilidade, bem como a aspectos relevantes como o aquecimento global e a mudança no clima. Dentro da gama de tópicos que compõem a sustentabilidade e que foram apresentados aos participantes, o que se percebe são visões parciais, sem vinculação a um entendimento efetivamente global, sendo citados pontualmente, quase ao acaso, aspectos como o consumo, o acesso a alimentos, a questão da proteção das costas brasileiras. Nesse sentido pode-se dizer que o entendimento sobre sustentabilidade reproduz uma visão conceitual que, se pouco se liga efetivamente ao cotidiano das pessoas, também não expressa os impactos planetários e, muito menos, a urgência que estes demandam. Essa pouca compreensão aponta a necessidade urgente de ampliar o debate e a reflexão sobre a sustentabilidade.

Por outro lado, as discussões sinalizam, também, para além da questão do “o quê” é a sustentabilidade, “quem” deve responder pela sustentabilidade e é questionado se ela é uma proposição individual ou coletiva. Se para alguns, a sustentabilidade tem sua base na ação do indivíduo, para outros ela se sustenta no coletivo e implica no cuidado com o outro, como política pública, como direito de todos. Por fim, a discussão

leva ao “como” fazer a sustentabilidade acontecer, o que requer que as pessoas sejam conscientes de sua importância. Para isso, é preciso que a sustentabilidade seja parte da cultura, na promoção de um novo modo de vida, o que demanda coragem para mudar a maneira de viver e as relações entre as pessoas.

Tudo isso evidencia a comunicação como fundamental e a necessidade de defender a divulgação de uma ideia, ou noção de sustentabilidade, que agregue o entendimento das ações no cotidiano com os impactos globais.

Finalmente o estudo mostrou-se um recurso importante não só para conhecer o entendimento da sustentabilidade da comunidade uspiana, mas, também, como um canal de sensibilização sobre o tema, além da mobilização gerada. Um assunto importante a ser abordado proximamente é a nova agenda da sustentabilidade, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Quem conhece o quê? Que metas e objetivos podem ser adotados enquanto cidadãos e membros da comunidade universitária? Que orientação se espera da universidade? Mais um passo no diálogo da comunicação e da sustentabilidade.

A comunicação para sustentabilidade com vistas a promover uma consciência ecológica e sócio-ambiental deve buscar uma interação entre as partes envolvidas, isto é, de quem realiza as ações com aqueles que as recebem, utilizando de técnicas e instrumentos que potencializem uma comunicação participativa e dialógica.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. A comunicação (re)tecendo a cultura da sustentabilidade em sociedades complexas. In KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **A comunicação na gestão da sustentabilidade das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009, p.33-55.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRUNDTLAND, G. H. et al. **Nosso futuro comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix - Amana-Key, 1997.

CORDANI U. G. (1995). As ciências da terra e a mundialização das sociedades. **Revista Estudos Avançados** 9 (25), São Paulo: IEA-USP. p.13-27.

ELKINGTON, John. **Canibais com garfo e faca**. São Paulo: Makron Books, 2001.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling *et al.* **Políticas e estratégias de comunicação na gestão da sustentabilidade nas organizações públicas e privadas**. Relatório técnico-científico de Projeto de Produtividade em Pesquisa – PQ. CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. São Paulo, 2014.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling A comunicação para a sustentabilidade das organizações na sociedade global. In: KUNSCH, Margarida; OLIVEIRA, Ivone de Lourdes (Orgs.). **A comunicação na gestão da sustentabilidade das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009, p.33-55.

MINAYO, M. C. S., SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

NAESS, Arne. Ecologia Profunda - Um Novo Paradigma. In: CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix - Amana-Key, 1997.

PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL. **Povos Resilientes, Planeta Resiliente: um Futuro Digno de Escolha**. Nova York: Nações Unidas, 2012.
In <http://www.onu.org.br/docs/gsp-integra.pdf>. Acesso em 15/05/2012.

PÉREZ, Rafael Alberto. **Pensar la estrategia: otra perspectiva**. Buenos Aires: La Crujia, 2012.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE – PNUMA. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza – Síntese para Tomadores de Decisão**. PNUMA, 2011.
In http://www.pnuma.org.br/publicacoes_detalhar.php?id_publici=92. Acesso em 18/03/2012.

SENGE, Peter et al. **Presença: propósito humano e o campo do futuro**. São Paulo: Cultrix, 2007. (Tradução: Gilson César C. de Sousa)

THUROW, Lester. **Cabeça a cabeça: a batalha econômica entre Japão, Europa e Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION – UNESCO. **Des économies vertes aux sociétés vertes**. L’engagement de l’UNESCO pour le developpement durable. Paris: Unesco, 2011.
In <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002133/213311f.pdf>. Acesso em 25/04/2012

UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION. **Declaração do Milênio**. DPI/2163 - Portuguese – 2000. Lisboa: United Nations Information Centre, 2001.
In <http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf>. Acesso em 03/04/2012.

VEIGA, José Eli. **Sustentabilidade, a legitimação de um novo valor**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

VIOLA, Eduardo. **Reflexões sobre os dilemas do Brasil na segunda metade da década de 1990 e sobre uma Agenda de políticas públicas baseada na democracia, na equidade, na eficiência e na sustentabilidade**. Trabalho para o workshop “Meio Ambiente, Desenvolvimento e Política de Governo: Bases para a Construção de uma Sociedade

Sustentável no Brasil (Levando em Conta a Natureza). Olinda: Fundação Joaquim Nabuco, 1996.